

Pasteleira

Plano **Alberto Rosmaninho
Rogério Barroca**

Edifícios **Pedro Ramalho
Sergio Fernandez
Álvaro Siza**

Texto **Rui Ramos**



Pasteleira

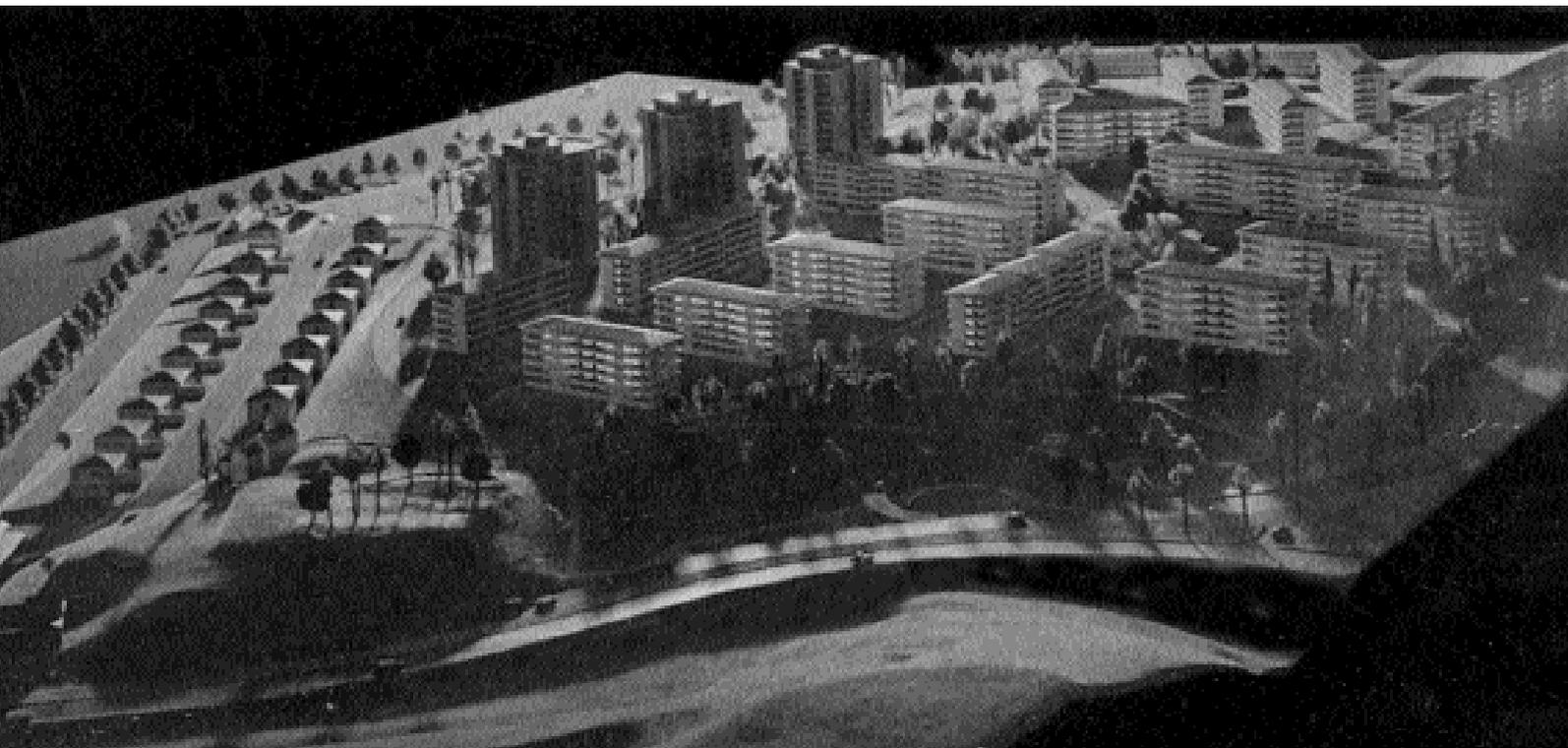
Cinco edifícios de habitação colectiva e Supermercado

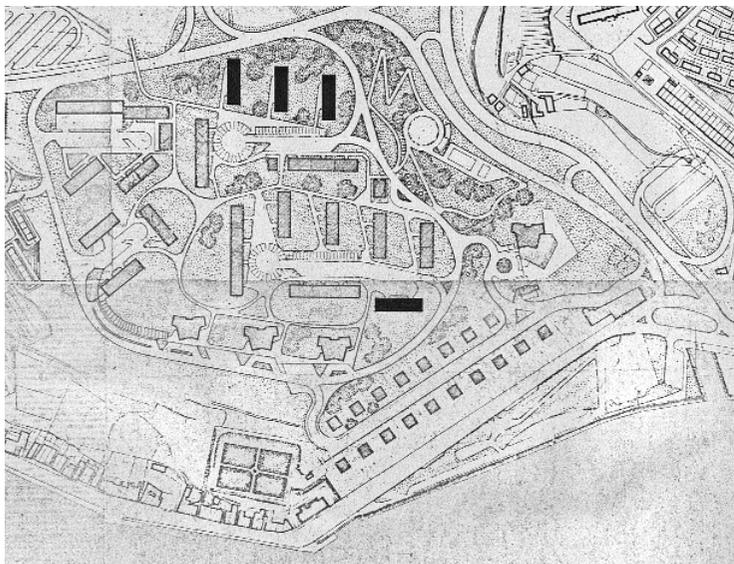
Plano Director da Cidade

A área da Pasteleira é representada no Plano Director da Cidade (Robert Auzelle, 1961) como sendo predominantemente terreno agrícola, parcialmente arborizado e onde se identificam alguns caminhos *sem serviço público*. Pelas condições excepcionais que representava para o crescimento da cidade, esta área delimitada pelo perímetro constituído pelo Bairro Gomes da Costa, Praça do Império, Foz Velha e Largo de António Cález junto do rio Douro, será objecto de estudos de pormenor no âmbito do plano da cidade.

O estudo para a Zona da Pasteleira, coordenado pelo Arq. Alberto Rosmaninho, propõe a sua divisão em diferentes sectores de urbanização, interligados por um anel viário de sentido único, pensado para a optimização da circulação automóvel. Este anel de circulação irá ligar entre si as vias secundárias, também de sentido único, que envolvem os diferentes sectores de urbanização, a partir das quais são distribuídos os acessos em *cul-de-sac* aos edifícios, locais de estacionamento e zonas verdes. Estes sectores de urbanização integram alguns bairros já edificados, sendo o restante espaço destinado à construção privada.

1. Fotografia da maquete





2. Plano geral

Só parte do plano está construído conforme projectado. O anel principal de circulação viária não está inteiramente realizado e o destino dos diferentes sectores de urbanização sofreu profundas alterações até hoje. Apesar de tudo, às evidentes deficiências na organização dos espaços construído e não construído – este último sujeito a uma manutenção exclusivamente pública, deficiente e onerosa – e à falta de equipamentos, subsistirá, como refere Sergio Fernandez, "uma ideia de conjunto que lhes confere um mínimo de atributos" (Fernandez, 1997; 57).

Urbanização e construção

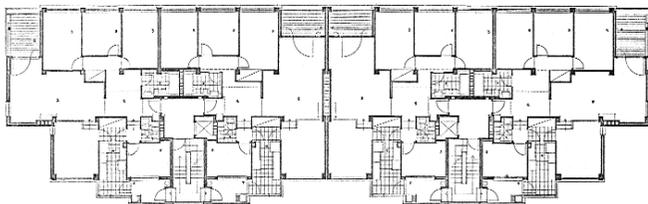
No plano de pormenor para o Sector *a Nascente do Bairro Rainha D. Leonor*, desenvolvido pelo Arq. Rogério Barroca, situado numa pequena encosta junto do Rio Douro, área livre de construções que mantinha separada a cidade da Foz, localiza-se um dos sectores que foi integralmente construído. Neste sector localizam-se cinco edifícios de habitação colectiva dos arquitectos Pedro Ramalho e Sergio Fernandez. Projectados e edificados entre 1964 e 1973, estes edifícios singularizam-se pela forma inédita como o empreendimento é organizado através de uma associação de condóminos e pelos inovadores critérios de qualidade que definem, passando a ser uma referência de qualidade neste tipo de habitação. Aliás o aspecto precursor destas habitações, já salientado por Sergio Fernandez (Fernandez, 1988; 151), verifica-se na adopção do mesmo modelo de organização do espaço doméstico em

outros projectos. Sem um carácter exaustivo podemos citar alguns exemplos: Edifício da Constituição (1968) e Edifício da Circunvalação (1969) do Arq. José Carlos Loureiro, o Edifício Botânico (1971) do Arq. Rogério Cavaca, ou os edifícios da Urbanização da Quinta Seca em Matosinhos (1973) do Arq. Noé Dinis.

O plano de urbanização para este sector e a construção dos cinco edifícios reflectem tempos diferentes. O primeiro, ligado a uma concepção formal próxima do formulário decorrente da Carta de Atenas, onde a cidade moderna é o somatório de *blocos* implantados de acordo com a orientação solar, sobre um parque verde rasgado por vias de circulação segregadas entre peões e automóveis; o segundo, preso à disciplina geométrica de um plano ortodoxo, já parcialmente executado, vai tentar através da concepção dos edifícios interrogar a estratégia moderna de que o plano faz eco. Assim estes edifícios surgem como reflexo da crítica que os autores realizam aos valores do *Movimento Moderno*. Sinal da época em que foram projectados e construídos, estes edifícios permitem-nos ler, para além da afirmação pelos seus autores – a exercerem a actividade profissional desde 1962 – de um modo próprio de olhar a arquitectura do seu tempo, perscrutar os compromissos e circunstâncias, que de um modo mais alargado, podem ser reconhecidos na arquitectura portuguesa deste período. A identificação das influências que impulsionaram estas obras é um ponto de partida possível dessa leitura. As referências à arquitectura inglesa e finlandesa e o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, entretanto publicado em 1961, serão alguns dos factores determinantes no percurso da arquitectura moderna portuguesa nos anos 60, a que estes projectos não serão alheios.

Cinco edifícios de habitação colectiva

Entre 1963 e 1967 os arquitectos Pedro Ramalho e Sergio Fernandez irão projectar o primeiro *bloco residencial E* destinado a um grupo de pessoas que se reuniu para construir em regime de condomínio. A organização desta associação de condóminos contará com a participação activa na sua gestão do arquitecto Arménio Losa, que também irá acompanhar de perto a elaboração dos projectos. Esta iniciativa de moradores era inédita no Porto e foi "a primeira tentativa feita a norte nesse sentido e com êxito (...)" (Ramalho, 1989; 41).



4. Planta tipo do Bloco Residencial E



3. Fotografia actual do Bloco Residencial E

Neste edifício a composição do fogo apresenta alguns aspectos inovadores. Privilégia a área destinada à sala comum em detrimento dos restantes compartimentos, nomeadamente dos quartos que apresentam áreas consideradas mínimas para a construção da época. Contudo, os outros compartimentos apresentam áreas invulgares (sala comum 38m², varanda 6m²) indicando-nos uma optimização das áreas sociais do programa doméstico, reflexo de um novo entendimento do uso quotidiano da habitação. Para além da distribuição das áreas, este edifício tem a particularidade de organizar o fogo em dois níveis, diferenciando a zona de estar e de comer, o que constituía um aspecto

pouco comum. Assim, a zona da sala destinada às refeições, a cozinha e através dela toda a área de serviços, situa-se no nível inferior da casa. Também a localização do quarto de serviço – junto da cozinha, na cota inferior da casa, e com acesso directo pelo átrio de entrada – revela-nos a atenção dos autores às transformações da família e da organização social, como é referido por Sergio Fernandez: "Previsível ausência, a curto prazo, de empregados domésticos que no entanto os proprietários pensavam manter, levará os autores a localizar as suas instalações – banho e quarto – em posição ambígua, de modo a permitir a sua utilização para outros fins" (Fernandez, 1988; 158). No exterior o revestimento do edifício é de tijolo vermelho aparente o que segundo Sergio Fernandez fará uma referência evidente aos modelos ingleses centrados nas obras de Leslie Martin e de James Stirling e James Gowan, com as quais terá tomado contacto na década de cinquenta, durante a sua permanência em Londres. Os alçados revelam-nos tratamentos diferenciados. O alçado sul apresenta uma solução de janela horizontal interrompida no centro do edifício para a abertura das varandas, que serão igualmente o dispositivo de remate, através da fragmentação do volume, e de introdução à composição do alçado oposto. O alçado norte apresenta uma composição diferente dos vãos, agora ligados entre si por uma janela continua junto do tecto, libertando deste modo o pano de parede, o que evidencia a leitura que do exterior se poderá fazer da sua estrutura interior. Nos topos o volume surge recortado evidenciando as formas trapezoidais da cobertura em telhado.

O *bloco residencial C* é o segundo a ser concluído, destinando-se a uma cooperativa de bancários. O projecto, início e conclusão da construção desenrola-se rapidamente, encontrando-se terminado antes da conclusão do conjunto seguinte de três edifícios. Os desenhos de execução encontrados datam de 1969, o que deverá corresponder ao início da construção, sendo o auto de recepção da obra de 1971. Este edifício, que se localiza no mesmo arruamento da primeira construção, nunca virá a ser publicado. Para este motivo terão contribuído os diversos problemas que surgem durante a construção que vão adulterar o projecto, sendo o mais grave a alteração do acabamento exterior de tijolo aparente para reboco pintado. Contudo ainda se pode ler nas suas fachadas o mesmo princípio de composição, que será retomado no último conjunto edificado, em que a janela da sala é articulada com o vão da varanda, com marcação das diferentes alturas dos peitoris. Mas



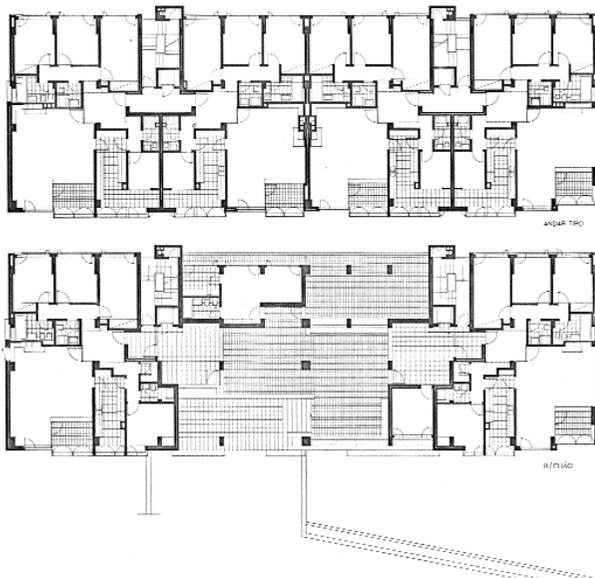
6. Fotografia actual dos Blocos Residenciais P, Q e R

será na organização do espaço interior que este projecto apresenta uma experiência inovadora que não será repetida. À semelhança do primeiro edifício as habitações organizavam-se a partir da definição de dois níveis, mas agora com a diferença dos quartos ficarem no nível mais alto, e a sala comum conjuntamente com os serviços situarem-se no mesmo nível, relativamente à entrada principal.

Entretanto, já se iniciara em 1968 o projecto para a realização do último conjunto, composto por três edifícios, *blocos residenciais P e Q*, idênticos, e pelo *bloco R* que, devido à sua implantação, apresenta um projecto diferente. A construção decorre até 1973. Neste último conjunto de edifícios são mantidos alguns aspectos relativos à organização do fogo experimentados nas primeiras

edificações. Contudo, a não utilização de dois níveis para diferenciar o espaço doméstico vai atribuir um vincado protagonismo ao espaço da varanda-terraço na organização da casa. Segundo Pedro Ramalho, "a ideia da varanda-terraço, prolongamento de vida do fogo para o exterior, assume aqui uma função de pátio de articulação entre a zona de estar e a de refeições, obviamente inspirada no bloco de habitações do Bairro de Hansa, em Berlim [Alvar Aalto, 1955-1957]" (Ramalho, 1989; 42), influência a que não será estranha a visita que realiza às obras de Alvar Aalto, durante os anos 60, na Alemanha e Finlândia. Esta influência alarga-se também ao uso dos materiais (tijolo, mosaico, pedra, marmorite, betão, granito, madeira) e, sobretudo, à sua atenta articulação, reflectida na cuidada pormenorização. O gosto pela expressão natural da cor, textura e dimensão dos materiais aproxima-nos de outras arquitecturas como a holandesa – já identificada nas obras de Januário Godinho e de Keil de Amaral – e da arquitectura catalã centrada na personagem de Coderch. Também o espaço de entrada no edifício revela uma particular atenção à topografia da encosta onde se situa. Este espaço, configurado como um pórtico de transição entre interior e exterior, situado entre as duas caixas de acesso vertical, rompe totalmente a edificação, o que permite a ligação visual entre os três edifícios e a melhor percepção da sua articulação com o terreno.

5. Plantas do r/c e piso-tipo dos Blocos Residenciais P, Q e R



Referências

Diferentes itinerários podiam ser marcados no reconhecimento de influências que motivaram estas obras (ou que posteriormente despertaram entre a crítica). Julgamos, no entanto, como já referimos, ser na leitura da obra de Aalto que se encontra a mais vinculada

percussão, que não deverá ser entendida como mero problema estilístico, mas como afirmação intelectual oposta à influência italiana marcante da arquitectura moderna então realizada. Pedro Ramalho explicita claramente a importância e significado atribuído à influência da obra de Alvar Aalto na realização destes projectos, quando identifica os seus objectivos como "uma atitude projectual de contenção, que se vai definindo como busca do essencial, desse modo recusando a "via italiana" em voga" (Ramalho, 1989; 21). A influência predominante de Alvar Aalto marca a produção portuguesa a partir dos finais dos anos 50. As obras tendem a reflectir a especificidade dos sítios onde se implantam, reconhecendo os seus materiais e as suas possibilidades técnicas, valorizando no seu desenho "uma sobriedade e autenticidade que busca nas raízes da tradição a sua inspiração mais profunda." (Tostões, 1997; 140). A este aspecto não poderá ser estranho a intensa divulgação cultural que se registava no início dos anos 60 no campo da arquitectura. Assim, em 1960, a SNBA apresenta uma exposição sobre a arquitectura finlandesa, fortemente divulgada na imprensa da especialidade da época. Neste período caberá às revistas e à iniciativa do Sindicato Nacional dos Arquitectos um forte papel de divulgação de perspectivas sociológicas e mais *humanizadas*, que contestavam os modelos preconizados pela *Carta de Atenas*. Neste contexto, o Sindicato Nacional dos Arquitectos organiza em 1960 o *Colóquio sobre Problemas do Habitat*, com a participação de Chombart de Lauwe e a revista *Arquitectura* publicará, do mesmo autor, *Sociologia da Habitação, Métodos e Perspectivas*. Aliás, a revista *Arquitectura* assumirá nessa época um papel central na formulação e divulgação da crítica internacional à arquitectura moderna. Desde 1958 que a revista publica a coluna "Das revistas estrangeiras", elaborada por Nuno Portas, onde pela primeira vez na imprensa especializada surgem de forma organizada e sistemática notícias dos debates e dos projectos publicados nas principais revistas do mundo, reveladores das diferentes tendências que as percorrem. Será também através da revista *Arquitectura* que Nuno Portas publicará em 1959 "A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal" onde analisa a *encruzilhada de caminhos* em que se encontra a cultura arquitectónica contemporânea. Também no mesmo período surgem provas de CODA (Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto) que abandonam o modelo da realização de um trabalho prático de projecto, valorizando a reflexão teórica e filosófica sobre a arquitectura e o papel do arquitecto na sociedade.

Embora a influência da obra de Alvar Aalto seja já anteriormente assinalada em outras obras, de que são exemplos paradigmáticos a Piscina da Quinta da Conceição (1958-1965) e a Casa de Chá (1956-1963) de Álvaro Siza, vai permitir aos arquitectos portugueses nos anos 60 e no mesmo tempo em que se conclui o Inquérito a Arquitectura Regional com a sua publicação, reconhecerem uma mesma preocupação fundamental no encontro de tradição e modernidade. Como salienta Sergio Fernandez: "Constatava-se, de um modo diferente porque visto numa perspectiva de modernidade, o valor da arquitectura vernacular" (Fernandez, 1997; 56). Os cinco edifícios da Pasteleira demonstram-nos isso: uma maior atenção à topografia, à paisagem e não só a factores como a insolação ou o acesso automóvel; às formas de vida dos seus habitantes; ao uso quotidiano do espaço interior e exterior; e uma maior liberdade na utilização de diferentes elementos formais, como a janela tradicional (Tostões, 1997; 137) em simultâneo com a janela horizontal, ou de telhados claramente assumidos e não somente coberturas planas. Esta reconstrução erudita dos valores para uma nova modernidade integra também a capacidade artesanal disponível na construção civil naquela época em Portugal. O primeiro edifício construído (1964-1967) tem o embasamento, o pavimento do piso térreo e colunas do pórtico de entrada em granito, tradição construtiva de grande racionalidade, evidenciada pelo *Inquérito*, que surge recuperada e integrada no projecto, a par do uso de materiais modernos. O olhar atento sobre a construção e os materiais como a pedra, a cal e a tijoleira em articulação com materiais de produção industrial como o betão, o mosaico, o azulejo e o marmorite é já registado nas pousadas de Januário Godinho entre 1946 e 1951, ou no Mercado da Vila da Feira em 1953 e na Casa de Ofir em 1957, de Fernando Távora, entre outras, anunciando as preocupações expressas no início dos anos 60 e manifestadas na exploração plástica que o desenho possibilita neste cinco edifícios.

Supermercado da UNICOOPE

O arquitecto Álvaro Siza desenha entre 1972 e 1973 para a cooperativa de venda UNICOOPE um dos seus supermercados, localizado num edifício já construído e situado entre *blocos habitacionais* na Pasteleira. Perante a impossibilidade de modificar o volume edificado, Siza concentra a sua acção no tratamento das superfícies exteriores. As fachadas são revestidas por chapas de fibrocimento, os caixilhos,

a estrutura de suporte do painel de entrada e os pilares em ferro são pintados de amarelo conferindo, no seu conjunto, ao edifício uma presença singular no espaço urbano, simultaneamente funcional e publicitária. No interior, localiza-se no primeiro andar os escritórios, no rés-do-chão, a zona comercial – com um pequeno bar na área de acolhimento dos clientes – e, na cave, só parcialmente enterrada devido ao desnível do terreno, os serviços de armazenagem.

As chapas onduladas de fibrocimento sem acabamento que revestem o edifício são aplicadas directamente sobre as fachadas, estimulando a leitura deste material como um elemento sobreposto à parede que o suporta. A ideia de sobreposição, ou de fato que veste o edifício, é salientada no alçado lateral norte, onde o revestimento de fibrocimento é interrompido, permitindo ver a parede rebocada que o suporta. Neste alçado é estabelecido um jogo de geometria, textura e cor entre as placas de fibrocimento e a parede, numa composição de figura e fundo. No mesmo alçado surge ainda uma janela circular – com caixilho amarelo –, que é parcialmente interceptada pelo fibrocimento, e uma conduta de ventilação – também amarela –, recortada de forma sinuosa na parede, que assinalam o percurso exterior que liga a entrada principal ao nível inferior de acesso á cave. O formalismo expresso na composição das fachadas, onde todos os elementos são utilizados no sentido de atribuir ao edifício uma presença excepcional, remete-nos para uma "arquitetura comercial" homóloga de materiais banais que, pelo seu sábio manuseamento, adquirem um ímpar valor simbólico (Venturi, 1966). Na fachada principal desenvolve-se em todo o seu comprimento um pórtico – com os pilares amarelos –, encimado por uma pala contínua e inclinada, composta por placas de fibrocimento lisas, fixas a uma

Bibliografia

FERNANDEZ, Sergio, *Percurso: Arquitectura Portuguesa 1930-1974*, (1985), FAUP, Porto, 1988

FERNANDEZ, Sergio, "Arquitetura Portuguesa 1961-1974", in A. Becker, A. Tostões, W. Wang (org.), *Portugal: Arquitectura do século XX*, Portugal-Frankfurt 97, Lisboa, 1997

Pedro Ramalho: *projectos e obras de 1963 a 1995*, AAP/SRN, Porto, 1995

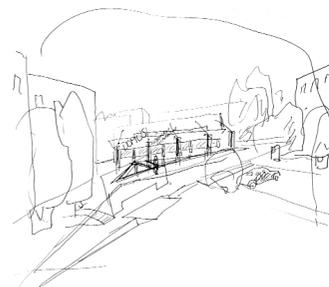
RAMALHO, Pedro, *Itinerário*, (1980), Serviço Editorial da FAUP, Porto, 1989

TOSTÕES, Ana, *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, (1994), FAUP publicações, Porto, 1997



7. Fotografia actual do Supermercado da Unicoope

estrutura metálica que também suspende os projectores para a sua iluminação. Neste painel, que quebra a geometria regular do volume, é exposto o nome do supermercado, assinalando o carácter comercial e publicitário do edifício no pequeno espaço público onde se situa. Para este espaço Siza projectou um *espelho de água* que reflectiria o plano inclinado do painel da fachada, que nunca foi realizado. O edifício encontra-se muito alterado e parcialmente destruído.



8. Esquízo de Álvaro Siza

VENTURI, Robert, *Complexity and Contradiction in Architecture*, Moma, Nova Iorque, 1996

Crédito de imagens

Capa • João Menéres

1 • Urbanisn 67, 1960

2, 4, 5 • Arquivo de Pedro Ramalho

3, 6, 7 • Luis Ferreira Alves

8 • L'Architecture d'Aujourd'hui, nº 211, Outubro 1980

Pasteleira

Five Apartment Blocks and Supermarket

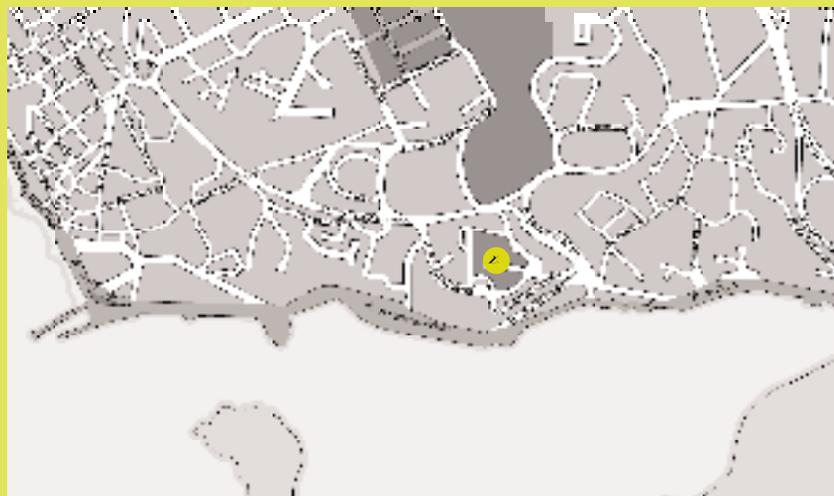
The study produced for the Pasteleira Zone (part of the proposals made in 1961 by Robert Auzelle for the City Master Plan), co-ordinated by the architect Alberto Rosmaninho, suggests that it should be divided into various urban development sectors. One of these sectors, designed by the architect Rogério Barroca, is located on a gentle slope by the river Douro and here we find five apartment blocks by the architects Pedro Ramalho and Sergio Fernandez. Designed and built between 1964 and 1973 the buildings are singled out due to the unusual organisation of the development, in an association of condominiums, and to the innovative standards of quality that define it, so that it has become a reference of quality in this type of housing.

The plan for this sector of Pasteleira and the five buildings reflect different times. One is linked to a formal concept that is close to the formula arising from the Athens Charter, whilst the other clings to the geometrical discipline of an orthodox plan, already partially executed, in an attempt to query the modern strategy echoed in the plan through the design of the buildings. They are therefore a reflection of the criticisms their designers made of the values of the Modern Movement. These buildings are a sign of the times when they were designed and built, as well as their authors' affirmation of their own way of seeing the architecture of their time, and allow us to study in a wider fashion the commitments and circumstances recognisable in Portuguese architecture of this period.

Between 1972 and 1973 Siza Vieira designed a supermarket for the UNICOOPE co-operative, located in a building that already existed between the Pasteleira apartment blocks. As it was impossible to modify the existing construction, Siza Vieira concentrated on treating the exterior surfaces, seeking to give the building a singular presence in that urban space, both functional and promotional.

The façades are covered in rough fibre-cement corrugated sheeting, to make people look at this material as an element superimposed on its sustaining wall. The idea of this superimposition, like a suit clothing the building, is highlighted on the north side elevation where the fibre-cement covering is broken off to reveal the roughcast wall behind it. The formality expressed in the composition of the façades, where all the elements combine to give the building its exceptional appearance, refer us to a similar "commercial architecture" of banal materials which, being wisely handled, acquire a unique symbolic presence (Venturi, 1966).

The building is now greatly altered and partly demolished.



Localização/Location

Rua de João Baptista Lavanha, 33-55, 100-96
Rua de Pedro Escobar, 36-40, 83-90, 128-132

5 edifícios de habitação colectiva/5 colective dwellings buildings

1964-67 (E), 1968-73 (P,Q,R), 1969-71 (C)
Arq.º Pedro Ramalho,
Arq.º Sergio Fernandez

Supermercado da UNICOOPE Domus/1972-1973 UNICOOPE Supermarket

Arq.º Álvaro Siza
(colaboração/cooperation Arq.º Francisco Guedes
de Carvalho)
localização/location
Rua de Álvaro Gomes, 112